

Arábia

James Joyce

NORTH Richmon Street, rua obscura, era bastante sossegada a qualquer hora, – excepto quando os rapazes saíam do Christian Brother's School. Num dos extremos ficava uma casa desabitada, de dois andares; os outros prédios, conscientes das vidas respeitáveis que neles decorriam, olhavam uns para os outros com a face imperturbável e sombria.

O primeiro inquilino que teve a nossa casa era padre e morrera numa sala das traseiras. O ambiente em todos os quartos denunciava bafio devido a terem permanecido fechados durante muito tempo. O quarto de arrumações ao lado da cozinha estava literalmente cheio de papéis velhos, jornais e livros. Entre estes encontrei alguns de páginas torcidas e húmidas:

O Abade, de Walter Scott, *O Comungante Piedoso* e as *Memórias* de Vidocq. Gostava mais deste último pelo facto de ele ter as folhas amarelas. No quintal inculto que havia por trás da casa crescia uma macieira no centro e alguns arbustos plantados ao acaso; debaixo dum deles é que eu achei a bomba de ar que pertencera à bicicleta do derradeiro proprietário, – sacerdote deveras benemérito, que deixara em testamento, a instituições de caridade, todo o dinheiro que possuía, e à irmã a mobília de seu uso.

Quando vinham os dias curtos do Inverno, a noite descia antes que tivéssemos jantado. Ao encontrarmo-nos depois na rua, notávamos que os prédios estavam perdidos nas trevas. O espaço de céu que se descobria sobre as nossas cabeças era duma cor violácea, e, para ali, os lampiões da rua enviavam reflexos débeis. O ar frio espicaçava-nos e nós íamos brincando até aquecer o corpo. No silêncio da rua os nossos gritos produziam eco. O decurso dos jogos levava-nos, através das vielas escuras e lamacentas de trás das casas (onde desafiávamos as tribos insolentes dos casebres), até às portas dos quintais sombrios e gotejantes de que emanava cheiro de lixo, e até às cavaliariças diferentemente odorosas onde certo cocheiro escovava e penteava o cavalo ou tocava música chocalhando os guisos do arnês. Quando voltávamos, a luz que saía das janelas da cozinha iluminava a rua; se meu tio surgisse a dobrar a esquina, nós escondíamos-nos num canto até que ele recolhesse a casa. Ou, se a irmã de Mangan viesse à soleira da porta chamar por ele para ir tomar chá, nós outros espiávamo-la do esconderijo, a ver o que acontecia; caso se conservasse à espera, nós dávamo-nos por vencidos e vínhamos com passos resignados. Ela, em geral, não arredava pé, e o vulto destacava-se bem na claridade da porta entreaberta. O irmão arreliava-a sempre antes de obedecer, e eu detinha-me, observando, por fora das grades. O vestido da rapariga movia-se-lhe com o corpo, e a trança solta jogava dum lado para outro.

Todas as manhãs me punha na saleta a espreitar para a casa dela. O estore, corrido até quase ao

parapeito da janela, ocultava a minha presença ali. Quando a rapariga aparecia no limiar da porta, o coração alvoroçava-se-me. Corria para o vestíbulo, agarrava nos livros, e seguia-a. Aquela imagem estava sempre diante dos meus olhos; quando chegava à altura de os nossos caminhos divergirem, eu apressava o passo e cruzava na sua frente. Isso sucedia, como disse, todas as manhãs; nunca lhe dirigia a palavra, senão às vezes por casualidade, e todavia o seu nome era o bastante para me despertar o sangue.

A mesma imagem acompanhava-me até nos lugares mais hostis ao sentimento. Nos sábados à noite, quando a minha tia ia fazer compras, levava-me consigo para eu carregar os embrulhos. Caminhávamos através de ruas bem iluminadas onde nos acotovelavam homens ébrios e mulherzinhas impertinentes, no meio das pragas dos operários, das litanias ásperas dos marçanos que estacionavam às portas e da lamúria nasal dos cantores ambulantes que entoavam coisas acerca de O'Donovan Rossa ou baladas a propósito de acontecimentos locais. Todos estes ruídos se resumiam para mim numa simples sensação: a de conduzir-me a salvamento através duma coorte de adversários. O nome dela vinha-me aos lábios nesses momentos em estranhos louvores e orações que eu nem mesmo entendia. Tinha muitas vezes os olhos repletos de lágrimas (não sabia dizer porquê) e, noutras, parecia-me que, do coração, emanava uma corrente que se me alastrava no peito. Pensava pouco no futuro. Não tinha a certeza de lhe poder falar, mas, caso o fizesse, ignorava como lhe revelar a minha confusa adoração. O meu corpo, porém, era como uma harpa e as palavras da rapariga, assim como os seus gestos, semelhavam dedos que corressem sobre as cordas sonoras.

Uma noite fui à sala onde o padre havia morrido. Estava escuro, chovia lá fora, e, na casa, o silêncio era completo. Pelas vidraças partidas ouvia a chuva cair na terra, incessantes cordas de água batendo nos canteiros ensopados já. Até mim chegava a luz dum candeeiro distante, através da janela doutro prédio, e regozijava-me por não ver mais nada. Os meus sentidos dir-se-ia quererem esconder-se, como se soubessem que eu lhes fugia. Apertava as mãos uma contra a outra até que as palmas tremessem. «Amor! Amor!», murmurava então umas poucas de vezes.

Por fim, ela falou-me. Quando me dirigiu as primeiras palavras fiquei tão perturbado que não soube o que devia responder. Perguntou-me se eu ia ao «Arábia», mas não me lembro se disse sim ou não. Tratava-se dum esplêndido bazar e ela estava desejosa de lá ir.

– E porque não vai? – inquiri.

Enquanto me falava, torcia em volta do punho o seu bracelete de prata. Não ia, explicou, porque naquela semana tinha um retiro espiritual no convento. O irmão e mais dois rapazes estavam a disputar por causa dos respectivos barretes e eu fui só até ao gradeamento. Ela fez força numa das barras e enfiou a cabeça na minha direcção. A luz do lampião fronteiro à nossa porta alcançava-lhe a curva clara do pescoço, iluminava-lhe parte do cabelo, entornava-se pela mão que pousava na grade e atingia ainda um pedaço do vestido, a guarnição branca do saiote, apenas visível quando ela

se movia.

– Havia de gostar – observou-me.

– Se eu for, trago-te qualquer coisa.

Que inumeráveis loucuras desenvolvi depois daquela noite, nos meus pensamentos, quando passeava, e nos meus sonhos, quando dormia! O meu desejo era anular os dias que ainda faltavam, tão cheios de tédio! Aquecia-me no silêncio da minha alma curiosa e envolvia-me num encantamento de magias orientais. Pedi que me deixassem ir ao bazar na noite do sábado seguinte. Minha tia ficou surpreendida e disse esperar que não se tratasse de nenhuma conspiração. Nas aulas respondi a poucas perguntas, e notei que o rosto do professor passava da expressão de afabilidade para a do ar carrancudo; receava que eu me estivesse a tornar cábula. Era-me difícil conciliar todas as ideias que me povoavam o cérebro. Mal tinha paciência para as coisas sérias da vida.

Postos entre mim e o meu desejo, os divertimentos infantis afiguravam-se-me brincadeiras monótonas.

Na manhã do sábado recordei a meu tio que queria ir ao bazar naquela mesma noite. Estava nesse instante a procurar, no bengaleiro, a escova dos chapéus, e ripostou-me de forma concisa:

– Sim, rapaz, já sei.

Como ele estivesse no vestíbulo, não pude ir ao locutório e permaneci na janela. O ambiente da casa pareceu-me desagradável e fui andando lentamente para a escola. O ar estava bastante agreste e já no meu coração crescia o desânimo.

Quando voltei a casa para jantar, meu tio ainda não havia regressado. Era cedo, aliás. Durante algum tempo fiquei a contemplar o relógio, mas o tique-taquic irritou-me e eu saí da sala, subi a escada e comecei a errar nos quartos do andar superior sombrios e desconfortáveis – cantarolando para me distrair. Da janela dum que deitava para a rua vi em baixo os meus companheiros a brincar. Os gritos que soltavam vinham até mim enfraquecidos e indistintos; encostando a testa à vidraça fria, olhei para o prédio escuro onde ela morava. Devia ter ficado ali cerca duma hora sem nada ver senão a figura vestida de castanho que se me representava na imaginação, aureolada discretamente pela luz do candeeiro que lhe punha em relevo ora a curva do pescoço, ora a mão pousada na grade, ora a guarnição do saiote; desci ao rés-do-chão e encontrei a Senhora Mercer sentada junto do lume.

Era uma velha faladora, viúva dum penhorista, e que colecionava selos usados para fins de caridade. Tive de aturar a conversa, enquanto tomavam chá. Isto prolongou-se por mais duma hora, e meu tio não chegava. A Senhora Mercer levantou-se para sair, lamentando não poder demorar-se mais tempo, mas já eram oito e meia e não gostava de andar na rua a essas horas tardias porque o ar da noite lhe fazia mal. Depois de ela se ter ido embora, comecei a passear na sala, de punhos fechados. Minha tia observou:

– Receio que fique sem efeito a tua ida ao bazar, esta noite.

Às nove ouvi o tio meter o trinco na porta, depois senti-o a conversar consigo mesmo e por fim adivinhei o ruído do bengaleiro ao receber-lhe o peso do sobretudo. Todos estes sinais me eram familiares. A certa altura do jantar pedi-lhe que me desse dinheiro para ir ao «Arábia». Ele tinha-se esquecido!

– A estas horas estão todos na cama e já vão no segundo sono – respondeu-me.

Não achei graça àquela réplica. Minha tia interveio em tom enérgico:

– Faze favor dá-lhe dinheiro e deixa-o ir! Já o demoraste bastante.

O tio declarou ter muita pena de se haver esquecido. Quis saber outra vez aonde é que eu ia; informei-o de novo, e ele inquiriu se eu conhecia o *Adeus do árabe ao cavalo*. Quando saí da cozinha, deixei-o a recitar à minha tia os primeiros versos da composição.

Ao descer Buckingham Street, direito à estação, levava um florim bem apertado nos dedos. À vista das ruas cheias de clientes e cintilantes de gás, reconsiderarei no fim da minha jornada. Tomei lugar na terceira classe dum comboio quase vazio. Depois de intolerável demora, pôs-se este comboio em marcha, porém muito devagar; arrastou -se entre casebres arruinados e passou sobre o rio cujas águas brilhavam. Na West Row Station a multidão invadiu as carruagens, mas os empregados recambiaram esses passageiros, alegando que o comboio se destinava especialmente ao bazar. Continuei só na carruagem deserta. Em poucos minutos parávamos defronte duma plataforma de madeira, improvisada. Desembarquei e vi, no mostrador luminoso dum relógio, que faltavam dez para as dez. À minha frente erguia-se um edifício enorme, onde se exibia o seu nome de mágica.

Com medo que o bazar estivesse a fechar, passei muito rápido através da porta de torniquete, apresentando um xelim ao vigilante, que estava com cara de aborrecido. Depois achei-me num átrio imenso cingido até meia altura por uma galeria. Quase todas as secções estavam encerradas e grande parte da sala conservava-se às escuras. Havia ali um silêncio semelhante ao das igrejas depois de terminadas as cerimónias do culto. Caminhei timidamente até ao meio do bazar. Poucas pessoas estacionavam junto aos balcões que ainda estavam abertos. Por trás dum reposteiro, sobre o qual se liam em letras resplandecentes as palavras *Café Chantant*, dois homens contavam dinheiro numa bandeja. Ouvia-se o tinir das moedas.

Lembrando-me, com dificuldade, qual o propósito da minha viagem, fui a uma das lojas e examinei as jarras de porcelana e os serviços de chá com florinhas. À porta, uma senhora nova conversava e ria com dois rapazes. Notei-lhes a pronúncia inglesa e ouvi por alto o que diziam.

– Oh, nunca proferi semelhante coisa!

– Ora essa!

– Sim, senhora!

– Acham que é verdade?

– Escutei-a eu.

– Pois é mentira!

Reparando na minha presença, a dama avançou para mim e perguntou-me se eu desejava comprar alguma coisa. O tom da voz não foi muito próprio para incutir coragem; pareceu-me que ela se me dirigira por favor. Olhei com humildade para os jarrões colossais que, de cada lado da entrada sombria, se assemelhavam a guardas do Oriente, e respondi:

– Não, muito obrigado.

A empregada mudou a posição de alguns objectos, e voltou a conversar com os homens. O assunto continuou a ser o mesmo. E ela ainda uma vez me relanceou, por cima dos ombros.

Dei mais uns passos defronte do balcão (embora soubesse que a minha permanência era inútil) para tornar mais crível o meu interesse pela mercadoria. Depois, lentamente, voltei costas e fui até ao centro do bazar. Ouvi então uma voz declarar, do extremo da galeria, que iam apagar as luzes. A parte superior do átrio estava já, por completo, às escuras.

Levantando os olhos para essa escuridão, vi-me a mim próprio como pessoa conduzida e escarnecida pela vaidade. E os olhos arderam-me de desespero e de raiva.